UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA

ROSÂNGELA DO SOCORRO SILVA DOS SANTOS

UM OLHAR RETROSPECTIVO E REFLEXIVO SOBRE VIVÊNCIA DE FORMAÇÃO DOCENTE: O MEMORIAL

BELÉM – PARÁ
2018

ROSÂNGELA DO SOCORRO SILVA DOS SANTOS

UM OLHAR RETROSPECTIVO E REFLEXIVO SOBRE VIVÊNCIA DE FORMAÇÃO DOCENTE: O MEMORIAL

Memorial de Formação Acadêmica apresentada a Faculdade de Educação Matemática e Científica – FEMCI do Instituto de Educação em Ciências e Matemáticas- IEMCI da Universidade Federal do Pará como requisito à defesa de graduação do curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências e Matemáticas e Linguagens, sob a orientação do Professor Doutor José Messildo Viana Nunes.

BELÉM-PA

2018

Data da apresentação: xx de xxxxxxxxxx de 2018

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Messildo Viana Nunes

Instituto de Educação Matemática e Científica IEMCI- UFPA – Orientador

Profª. Doutoranda Gilvana Bezerra de Sousa

Membro- interno - IEMCI –UFPA- Co-orientadora

Profª. Mestra Cleide Maria Velasco Magno

Membro- Externo: Secretaria de Educação do Estado do Pará- SEDUC

.

À meus pais biológicos Francisco e Maria;

À meus pais de criação Eugênio e Lolita (*In memorian*);

À minha filha Lorena;

À minha irmã Rosa Machado;

Que me permitiram os estudos e pela ajuda constante e orações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à mãe do Belo Amor, Maria Santíssima, por cuidaram e me darem coragem, luz e sabedoria para chegar ao final do meu curso.

A minha família biológica e de criação por todo o apoio e incentivo no decorrer do meu curso.

Aos profissionais da PROEX pelo pronto atendimento a mim concedido no momento mais difícil do meu curso.

A minha psicóloga do SAPS Camila Galvão por me acompanhar sempre.

À professora mestranda Lidiane que me deu maior apoio quando adoeci;

A todos os professores pelas aprendizagens e amizades construídas, de modo especial aos professores: Wilton, Lênio, Wanzeler, Georgina e Messildo por me incentivarem nos momentos em que pensei em desistir.

A minha amiga, irmã e querida Professora Mestra Cleide Velasco pelo apoio incondicional, principalmente na conclusão desse trabalho.

Ao meu querido Orientador Professor Doutor José Messildo por ter acreditado em mim, por tudo que aprendi e pela paciência que teve comigo.

A minha Co-orientadora Gilvana Bezerra pelas orientações em meu trabalho.

As minhas colegas e amigas Alda Marques, Elizabeth Lima, Caroline Câmara e Esli Pereira pelo companheirismo e tudo que experimentamos e vivenciamos juntas nessa jornada.

A turma 2014 tarde por tudo que construímos, vivemos, brigamos e compartilhamos nesses quatro anos de curso.

A todos os funcionários do IEMCI, de modo especial aos nossos Diretores, coordenadores e a nossa Bibliotecária Heloisa.

E a mim, por me permitir acreditar que tudo é possível para aquele que crer.

O meu muito Obrigada!

Só é possível continuar vivo se há festa dentro de nós. O que está por trás de cada festa é o modo como vivemos de uma manhã até a outra manhã.

Ester Pillar Grossi.

SUMÁRIO

UMA HISTÓRIA DE MIM 1

POR QUE UM MEMORIAL. 2

A PARTICIPAÇÃO EM OFICINAS, MINICURSOS, PROJETOS E CLUBE DE CIÊNCIAS. 4

O INÍCIO DE MINHA FORMAÇÃO DOCENTE: O MAGISTÉRIO. 5

O MAIOR DESAFIO: O PRIMEIRO DIA DE AULA. 5

A MAIOR CONQUISTA: O VESTIBULAR. 6

O GRANDE DESESPERO: O SUMIÇO DOS DOCUMENTOS 7

A PROCURA DO IEMCI: PARA QUE LADO FICA? 8

O DESCONHECIDO: O LÚDICO E SUAS TEORIAS. 11

TRILHA ECOLOGICA: PARQUE DOS IGARAPÉS 15

A TRILHA EM CURUÇÁ 16

CONTRATEMPO, MEDO, SUSTO E RISADAS. 17

CONTAÇÃO DE HISTORIA A LENDA DO BOTO: SEMANA DO CALOURO 2016. 18

UM PERÍODO CRÍTICO EM MINHA VIDA 19

OS ESTÁGIOS EM DOCÊNCIA 20

O RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DA EJA 21

MINHAS CONSIDERAÇÕES FINAIS 22

REFERÊNCIAS 23

APRESENTAÇÃO

Neste memorial de formação faço um retrospecto de fases da minha vida relacionada com a minha constituição docente. No decorrer da construção desse trabalho, cito meu processo de formação escolar como estudante, professora e graduanda. Abordo conhecimentos de alguns assuntos que me levaram a reflexões na *des-construção* sobre minha prática docente em sala de aula e para além dela. Obtive uma grande mudança em meu comportamento, mas não deixei de ser alegre. A minha alegria foi à via de transporte na mudança que empreendi ao longo desse processo e o que contribuiu para o resgate da minha autoestima e daqueles alunos com dificuldades que encontrei nesse caminho. Neste trabalho me reporto às memórias das oportunidades vividas com sofrimento e alegria, lágrima e sorrisos, as me permitiram chegar até aqui. Relato alguns episódios que marcaram minhas reflexões e minha prática. Tais como a surpresa que tive ao me deparar com as diferenças das três escolas públicas no estágio docente. As experiências do projeto EncantArtes, as trilhas ecológicas do projeto de formação em espaços não formais, os planejamentos elaborados e executados em sala de aula, as oficinas, minicursos e o Clube de Ciências com suas atividades, além das lembranças das conquistas que tive como a aprovação do vestibular e a superação de problemas de saúde. Foram essas e outras memórias refletidas que me proporcionaram a visão de como aprendi e me tornei uma professora consciente de seu papel na sociedade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia do arquivo pessoal da autora. 1

Figura 2: Apresentação das dobraduras feitas pelas crianças na aula inaugural do clube de Ciências 9

Figura 3: Turma 2014 tarde 9

Figura 4: Na apresentação do I Seminário de Formação Docente: possibilidades de intervenção 13

Figura 5: Os professores coordenadores e os participantes do AMA (Agentes Monitores Ambientais). 14

Figura 6: Uma aula na trilha do Parque dos Igarapés 16

Figura 7: Os personagens 17

Figura 8: Apresentação da Lenda "O Boto" 19

Figura 9: A Confraternização do Natal da Escola Santo Agostinho e o encerramento do estágio da Escola Ernestina Rodrigues 20

UMA HISTÓRIA DE MIM

Narrar minha história com um viés de pesquisa, tornou-se para mim, a princípio uma alegria, pois recordava episódios vividos como estudante, professora e graduanda que me trouxeram a situações diversas sobre as quais senti muito prazer. No entanto, organizá-las de forma que se tornassem material de investigação foi um desafio, porém com auxílio de autores, como, Connelly e Clandinin (1943) e Gonçalves (2011) que tratam desse tipo de pesquisa as coisas foram fluindo.

Nesse sentido, Gonçalves (2011. p. 57) afirma que a pesquisa narrativa "trata de uma reconstituição de histórias vividas/compartilhadas pelos participantes da pesquisa, por aqueles que narram suas experiências e por aquele que as interpreta, face a questões e objetivos da pesquisa". Isso encorajou-me a escrever minhas histórias.

Assim como, a autobiografia nas pesquisas brasileiras tem sido fontes de muitas revelações pessoais e profissionais para o benefício particular de várias áreas, dando como exemplo no meio educacional, os relatos de professores que estão no início e final de suas carreiras. Medeiros (2012) observa que:

> As histórias de vida permitem explicitar em sua totalidade, a singularidade do ser e como ela percebe o universal que se encontra e constitui o homem, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões da vida e de nós mesmos (MEDEIROS, 2012. p. 02).

Da mesma forma, Sartori (2008) apresenta as "histórias de vida", mencionada por diversos autores, entre eles, Nóvoa (1995), como um movimento que faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído (SARTORI, 2008. p.274).

Nesse sentido, enquanto aluna do curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens, participei de várias atividades, tais como: oficinas, minicursos, palestras e projetos. Eventos estes, que me proporcionaram: grande avanço em minha aprendizagem, acarretando modo diferente de pensar e agir em relação ao engessamento que eu trazia em minha bagagem durante minha trajetória. Como docente em sala de aula comecei a refletir sobre o que eu era antes, com relação à educação tradicional e minha postura em determinados assuntos. Percebi que é possível uma mudança e com empenho e entusiasmo, se permitir querer aprender, questionar muito e fazer diferente, para alcançar novas perspectivas de conhecimento no ensino da matemática.

Desse modo, tive vontade de participar, além das atividades da graduação, de grupos da pós-graduação, sobre os quais os professores comentavam com muito entusiasmo, mas o tempo não me permitiu. Quem sabe ao término de meu curso, poderei fazer parte do Grupo de Modelagem Matemática ou do Grupo Núcleo de Práticas e Linguagens Docentes, na busca dessas novas perspectivas.

Desta forma, na minha trajetória como participante do grupo de Modelagem Matemática, participei de um minicurso que foi de grande valia, pois me proporcionou novas descobertas no processo de ensino e aprendizagem, desmistificando conhecimentos culturais que trazia. Conhecimentos estes, valiosos, porque são trazidos do conhecimento empírico, porém com outro olhar. Focando naquilo que muitas vezes subestimei, mas que faz uma grande diferença, quando pode ser ensinado a partir de vivências de seu dia a dia, buscando alternativas para o desenvolvimento do aprendizado do aluno de outra forma. Um exemplo seria usar os próprios objetos do local de estudo, é o caso das cisternas do sertão nordestino, citado no minicurso: trabalharia as propriedades da água, examinando-a, mesmo a olho nu. Medida de capacidade: quantos metros cúbicos de água teria uma cisterna e quantos litros seriam gastos por cada pessoa da família.

Assim, na seção seguinte discorro sobre alguns fragmentos de minhas memórias, experimentadas na graduação. Período esse, de aprendizado e vivências.

POR QUE UM MEMORIAL.

Compartilhar minha trajetória é permitir que as pessoas conheçam, um pouco da minha história e com ela possam trilhar seus próprios caminhos iluminados com fatos e situações, experiências e reflexões que vivi enquanto professora estudante.

Na construção desse memorial passam em minha mente muitas recordações que marcaram minha caminhada, que foram de suma importância para mim, uma vez que já exercia a profissão, apenas com a formação do magistério; o que fazia com muito amor e compromisso na construção de um mundo novo com cidadãos que conhecem seus direitos.

Nesse sentido, acredito que o professor não deva ensinar apenas o que está no conteúdo escolar e sim introduzir assuntos relevantes, onde o aluno aprenda e se mantenha atualizado com as coisas que acontecem em nossa sociedade, como por

exemplo, falar dos Temas Transversais: ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, trabalho e consumo entre outros, pois muitos professores se recusam a falar destes temas por não saberem de que maneira abordar um determinado assunto, entretanto, a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais sinalizam a importância desses temas na formação dos alunos, como no trecho a seguir:

> O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual (Brasil, 1997. p.15).

Dessa forma, por expressar conceitos e valores básicos importantes à democracia e à cidadania, é relevante que se ensine aos alunos os temas transversais para que questões importantes e urgentes da sociedade contemporânea sejam refletidas por eles, a fim que se tornem cidadãos críticos. Portanto, é papel da escola ao trabalhar esses temas, facilitar, fomentar e integralizar ações de modo contextualizado, por meio da interdisciplinaridade e almejando a transversalidade, buscando um ensino diferenciado e não fragmentado para que realmente ocorra a transformação social.

A minha história, de alguma forma no passado, agora presente e no futuro apresentam a minha relação com a docência. Eu não nasci professora, mas me tornei professora no decorrer de minhas experiências em sala de aula com meus alunos e penso que a vida nos ensina muita coisa, mas conviver com a diversidade de crianças é uma aprendizagem única que guardo e quero manter o resto da vida, pois não é contada e sim vivenciada, sentida e acompanhada.

Dessa forma, continuo aprendendo, principalmente quando me deparo com algo novo, como foi o caso dos três estágios em Docência que participei em três escolas públicas, duas municipais: a Escola de Ensino Fundamental Santo Agostinho e a Escola de Ensino Fundamental Ernestina Rodrigues e, uma estadual: a Escola de Ensino Fundamental e Médio Vilhena Alves. Esta última escola é voltada também para o público da EJA com deficiência.

Quando me refiro à diferença das escolas, em primeiro lugar cito as questões administrativas, ambas eram diferentes em tudo, desde o regimento direcional até seus funcionários e cada uma possuía uma peculiaridade. Observei que uma administração coerente, onde todos convivem com respeito, faz toda a diferença na educação escolar. Nesse sentido em cada estágio tive aprendizagens diferentes, pois o público era

diferente. Esses estágios me proporcionaram novas conexões de saberes, como a forma de ensinar, especificamente alunos com necessidades educacionais especiais (ANEE), que eu não possuía experiência e muito menos, saberes adequados. Somente na graduação foi que tive contato com teorias que auxiliam no entendimento de como agir nessa situação e agora na prática tive oportunidade de experimentá-las.

Nesse sentido, os estudos foram sobre o Autismo, Asperger, TDAH, Deficiência Múltiplas entre outros. No caso do autismo, muito comum atualmente em sala de aula, tive vários contatos, mas que para mim era um conceito totalmente desconhecido. No entanto, na licenciatura, conheci alguns estudos sobre a temática e aprendi que quem descreveu pela primeira o autismo foi Leo Kanner em 1943 e segundo Goldberg (2017) foi Wing que em 1998, introduziu o termo "espectro autista" e o conceituou como;

> Um complexo sintomatológico, ocorrendo num *continuum*, dependendo do comprometimento cognitivo. A autora propôs a existência de uma "tríade de transtornos da interação social", associadas ou não a outros transtornos. [...] as quais podem ser sumarizadas da seguinte forma: a) transtornos no reconhecimento social, b) na comunicação social e c) na imaginação e compreensão social (GOLDBERG, 2017. p.3).

Assim como também, essas experiências do estágio docente me trouxeram alegrias e tristezas, no que diz respeito ao atendimento e a educação para a cidadania de estudantes analfabetos ou semianalfabetos com ANEE. As minhas inquietações giravam em torno de reflexões sobre o que seria dessas pessoas futuramente? Uma vez que, quem já é formado não tem emprego, imaginem eles, com a educação que recebem.

As alegrias, dizem respeito às pessoas que passaram em meu caminho, como foram importantes, pacientes em me ouvir, me fizeram forte para seguir em frente em muitas situações de desânimo e luta. Um dos maiores desafios que enfrentei no estágio em Docência III, que é voltado para o público da EJA, eu trabalhei com alunos deficientes.

Em relação ao público EJA, do qual me refiro, Silva (2010) cita:

> As pessoas jovens e adultos são sujeitos que possuem lugares sociais, identitários, geracionais, de raça, de gênero e de orientação sexual diversos. Juventude e vida adulta na EJA apresentam especificidades e são marcadas pela diversidade. Estas questões não são discutidas nos textos legais e encontram-se abordadas de forma ainda muito incipiente pelos próprios teóricos do campo. É no cotidiano das práticas de EJA que a diversidade cultural, racial e de gênero se expressam (SILVA, 2010. p.66).
>
> .

Assim, para mim foi muito triste quando me deparei com esses cidadãos semianalfabetos e muitas vezes analfabetos mesmo, que vão à escola em busca de um aprendizado para melhorar sua condição de vida e se deparam com uma realidade que deixa muito a desejar. A falta de compromisso e omissão por parte do poder público é de dar vergonha, sem falar do caso dos alunos com deficiência. Se já é difícil para os alunos ditos normais, imagina para os alunos com alguma deficiência, uma vez que, os professores, em sua maioria, não se preocupam em saber se a pessoa deficiente está aprendendo ou não.

A PARTICIPAÇÃO EM OFICINAS, MINICURSOS, PROJETOS E CLUBE DE CIÊNCIAS

A primeira participação em uma oficina foi a de LÍBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ministrada com auxílio de mestrandos do programa de Pós-graduação do Instituto de Educação Matemática e Científica (PPGECM). Eles apresentaram o alfabeto e nos ensinaram escrever as palavras chave para nos comunicarmos (bom dia, boa tarde, boa noite, tudo bem, como vai?). Depois, cada um da nossa turma representou os sinais à classe inteira, em seguida houve a recapitulação e tudo foi muito proveitoso.

Apesar da descontração na oficina, para mim foi muito difícil e confesso que não tive muito proveito, embora os professores tivessem paciência em ensinar e repetir quantas vezes fosse necessário, mas o problema era comigo, não conseguia aprender e entrar nesse universo desconhecido que envolve os surdos.

Conforme a lei 5626 de 22 de dezembro de 2005 que trata do ensino de LIBRAS no Brasil o artigo III diz:

> Art. 3o A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.
>
> § 1o Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

Todavia, acredito ser muito importante aprender essa linguagem, porque os surdos são muitas vezes negligenciados por aqueles que deveriam acolhê-los e ensiná-los, muitas das vezes não se apropriaram de saberes para lidar com esse público em sua

formação. Isso me fez refletir e tomar consciência de grande responsabilidade que temos com todos os alunos e mais ainda com ANEE.

Outra coisa que também tomei consciência foi da necessidade no decorrer da formação inicial em participar dos minicursos ofertados de Faculdade, tais como relato a seguir.

No minicurso de Modelagem Matemática que participei, ministrado por uma professora, me deparei com um ensino baseado na interdisciplinaridade. Confesso que custei a entender, pois precisei descontruir o que eu havia aprendido, como por exemplo, ensinar apenas uma disciplina de cada vez. Segundo Burak (2010), devemos sempre dirigir nossas reflexões e ações e ter muito claro que concepção de cidadão se deseja formar. Essa questão pode levar à reflexão e encaminhar as formas de agir e planejar o ensino, visando à aprendizagem, de articular os diversos conhecimentos para uma compreensão mais global, de proporcionar uma visão de totalidade, de favorecer o trabalho do sujeito da aprendizagem para construir o seu conhecimento.

Percebi que por meio da interdisciplinaridade que envolve um tema posso abordar vários assuntos de áreas diferentes e inserir um novo conhecimento, conforme a interação e participação das crianças. No caso do ensino da Matemática, a Modelagem, se constitui importante aliado do professor para potencializar a criatividade dos estudantes, tornando-os participativos, proporcionando maior liberdade de ação, fazendo com que a aprendizagem ocorra, por meio de situações em que a realidade do aluno esteja inserida. (BRAUTIGAM, 2001, p. 65).

Desta forma, na seção seguinte, passo a discorrer sobre a gênese da minha formação docente.

O INÍCIO DE MINHA FORMAÇÃO DOCENTE: O MAGISTÉRIO

Em princípio queria ser advogada, mas a senhora que me criava era professora de piano no Conservatório Carlos Gomes. Ela tinha seis filhos, sendo que cinco filhas também eram professoras, só o rapaz era engenheiro. Quando terminei o antigo ginásio, atualmente ensino médio, ela me matriculou no Colégio Gentil Bittencourt para cursar o Magistério, assim começou minha trajetória rumo à docência.

Nesse período, apesar de começar a gostar do magistério, eu não tinha tempo para estudar, vivia cansada, devido ao trabalho doméstico desenvolvido na casa em que

eu morava. No último ano do curso começou meu estágio e ao final deste, ministrei a minha primeira aula para crianças. A turma era da terceira série, atualmente 2º ano do ensino fundamental, cuja professora regente foi essencial, me ajudando para o êxito da minha aula.

Em dezembro de 1986, me formei e comecei a trabalhar em fevereiro de 1987, em uma escola privada. Sobre esse e outros episódios narro a seguir.

O MAIOR DESAFIO: O PRIMEIRO DIA DE AULA

Fui contratada para trabalhar em uma escola particular (hoje extinta), para ministrar aulas na turma do Jardim II, antigo preparatório, que dava acesso à alfabetização. No primeiro dia de aula, fiz uma roda de conversa com as crianças e coloquei o crachá em cada uma. Depois me apresentei e comecei a me familiarizar com os pequenos. Lembro-me, que cada um era mais fofo que o outro. Logo em seguida escuto a coordenadora falar: - *Será que ela vai dar conta? Ela é tão magrinha!* Naquele momento senti vergonha por estar ali, mas percebi naqueles rostinhos a minha motivação para continuar. Em seguida, fui informada que seria apenas uma experiência de três meses para ver se eu dava conta, caso contrário, não ficaria.

Em sala, eu não sabia por onde começar. Foi uma servente, que já estava muito tempo na escola, que me ajudou a tomar conta das crianças e me dar dicas das atividades. Ela trabalhava com a outra professora na sala ao lado. Sou grata a ela pelo o início de minha carreira, nos tornamos amigas e ela sempre me auxiliava. Ao final do estágio, superei o desafio e fui contratada. Fiquei feliz da vida por continuar, pois sabia que com o dinheiro que ganharia ajudaria meus pais. Trabalhei nesta escola por cinco anos, mas quando surgiu o “Plano Collor”, pedi para sair, pois via que o clima não era mais favorável para professores antigos.

A partir de então, comecei a trabalhar como autônoma, dando aula de reforço em domicílio. Tive alunos de vários colégios renomados e me sinto gratificada por ter feito parte de muitas gerações que hoje já estão formados. No entanto, o desejo de buscar mais qualificação, com o passar do tempo, foi guardado devido aos percalços da vida, pois sabia que para me dedicar aos estudos teria que parar de trabalhar e isso era muito difícil. Todavia foi o que ocorreu, quando da minha aprovação no vestibular da UFPA em 2014.

A MAIOR CONQUISTA: O VESTIBULAR

Tudo começou com uma brincadeira. Minha filha estava terminando o ensino médio e prestaria exame para duas universidades públicas. Falei para ela que tentaria o Enem para ver no que daria. Em maio de 2013, me inscrevi e fiz a prova nos dias 26 e 27 de outubro do mesmo ano. Uma amiga me falou do curso de Licenciatura Integrada para as séries iniciais e EJA, fiz minha única opção e sem cotas, pois não sabia que estava tudo se encaminhando. No dia 17 de janeiro de 2014, às nove horas da manhã, começou o tão esperado listão de aprovação da UFPA. Fui feliz com o tema da redação do ENEM (Lei seca no Brasil), tirei 720 pontos, mais bônus e isso foi essencial para na classificação da UFPA. Jamais pensei que iria ser aprovada, mas graças a Deus passei.

No dia do resultado, o nervoso era tão grande, que eu e minha filha, não conseguimos ler meu nome, enorme no listão. Só bem mais tarde que conseguimos. Eu não acreditei! Mas fiquei para lá de feliz, corri na rua, recebi os parabéns dos vizinhos, amigos e parentes e agradeci muito a Deus e a Nossa Senhora das Graças (Figura 1).

Figura 1: Fotografia do arquivo pessoal da autora.

O GRANDE DESESPERO: O SUMIÇO DOS DOCUMENTOS

Logo após a alegria da aprovação, comecei a juntar minha documentação para a habilitação na UFPA e percebi que meu certificado do magistério e meu histórico escolar haviam sumido. Meu Deus! Fui ao colégio Gentil Bittencourt requerer a segunda via e a secretária me informou que só poderia me dar essa documentação com 15 dias. Neste momento, chorei e rezei muito. Pedi a ela que considerasse, pois só faltavam dois dias para o término da habilitação, se não conseguisse, perderia minha vaga. Ela pediu o número do meu celular e disse que ia ver o que poderia fazer por mim. No dia seguinte ela me ligou e fui buscar a documentação. De tantas bênçãos, essa foi mais uma que recebi. Saí do "Gentil", feliz da vida, com a documentação em mãos, fui direto à UFPA, um lugar que não conhecia, pois nunca havia estado lá. Achei muito lindo, magnífico! Estava tudo certo.

Chegou o dia da recepção dos calouros, cheguei lá e fui a pé procurar o Ginásio onde estava acontecendo à festa, pois não sabia que havia ônibus dentro do Campus para conduzir os alunos. O barulho era contagiante e como sou alegre fique mais feliz ainda.

A PROCURA DO IEMCI: PARA QUE LADO FICA?

No dia da matrícula em nosso Instituto. Entrei pelo terceiro portão e me perdi dentro do Campus. Encontrei pessoas que eram meus colegas de sala e que estavam perdidos também.

Começou a semana do calouro e neste dia participei da oficina de Libras. Depois fomos ao auditório ouvir o que a diretoria de nosso instituto tinha a nos dizer. Foi muito proveitosa à palestra do vice-diretor. Ele apresentou as normas da Faculdade e o que a Universidade tinha a nos oferecer em termos de bolsa de estudos, cursos e atendimentos através da PROEX.

O coordenador do Clube de Ciências, também se apresentou e falou o que este espaço oferecia e como deveria ser feita a inscrição de membros participantes pelo site. Isso me interessou muito. Comecei a participar no Clube de Ciências saía cedo de casa, pois para chegar à Universidade, levava duas horas de tempo no ônibus precisei me adaptar a esta e outras realidades.

Com as atividades do Clube de Ciências, junto com toda a equipe que fazia parte, sob a orientação dos coordenadores, aprendi a fazer planejamentos de aulas diferentes daqueles que era acostumada. No início do período de atendimento do

“Clube”, fomos orientados a procurarmos escolas para incentivar os alunos a se tornarem membros mirins do “Clube”. Duas tentativas foram em vão, mas na terceira deu certo. Marcamos a aula inaugural para o mês de maio. As crianças compareceram e foi muito gratificante para todos. Nosso grupo planejou e apresentou uma atividade com dobradura de papel, onde falamos dos seres vivos e mostramos os diferentes tipos de animais (Figura 2). Depois houve lanche para os alunos e a arrumação do lugar e logo em seguida a reunião para as considerações do nosso coordenador sobre as atividades desenvolvidas no dia.

Figura 2: Apresentação das dobraduras feitas pelas crianças na aula inaugural do clube de Ciências

O INÍCIO DO CURSO NA UNIVERSIDADE: A LICENCIATURA

Figura 3: Turma 2014 tarde (Alda, Thais, Aurora, Ana Paula, Ágatha, Dulcinéia, Esli, Eu, Cassia, Marcia, Priscila, Valéria, Lucas, Ludmila Cristiano, Carina, Valdilene, Maria Prado, William, Dayane, Denilson, Josilene, e Elizabeth- esquerda para direita).

Conforme os documentos encontrados no site do IEMCI, que regem o Curso, a Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens foi:

> Aprovado em maio de 2009 pela Resolução CONSEPE 3847/2009. E passou por uma reforma aprovada pela Resolução CONSEPE 4.263/2012. Foi aprovado pelo MEC por meia da Portaria n. 545 de 12 de setembro de 2014. A configuração do Curso é uma inovação em termos de Formação Inicial o qual tem por finalidade a melhoria da Educação Básica, com ênfase nos primeiros anos da Educação Básica (Anos Iniciais) (UFPA/IEMCI, 2015).

O que conhecia sobre esse curso, era o que uma colega, que já fazia o curso, me dizia: que era uma graduação integrada, que ensinava português, matemática e ciências, porém quando comecei a estudar na Faculdade de Educação Matemática e Científica (FEMCI), me deparei com muitos textos de matemática, até parecia que o curso era voltado para essa única disciplina. No entanto, conforme o relatório geral de 2014, a formação ofertada no curso era mesmo integrada, ou seja, a Licenciatura é:

> Fundada em 4 níveis de letramento: (1) linguagem materna, (2) linguagem matemática, (3) linguagem científica e (4) digital. Isto corresponde, em termos acadêmicos e teórico-metodológicos ao seguinte: (1) alfabetização: aprendizagem da leitura e da escrita; (2) alfabetização matemática: noção de número e conceitos fundamentais, operações fundamentais e raciocínios lógico-matemáticos; (3) alfabetização científica: compreensão do papel da ciência no mundo de hoje e das relações sociais no espaço e no tempo, e (4) alfabetização digital ou tecnológica para uso de recursos diferenciados no curso da aprendizagem (UFPA/IEMCI, 2015. p. 31).

No início, confesso que não achei interessante, pois os professores pediam resumos e mais resumos de textos e não via ensinarem nem uma prática. Minha primeira impressão é que era um curso excessivamente teórico. Entretanto, no decorrer do curso, apareceu uma professora, que falou de letramento e alfabetização, termos que eu não conhecia. Então por meio de suas atividades, comecei a gostar mais do curso. Aprendi muito com ela, como por exemplo, os métodos para trabalhar os níveis de escrita (pré-silábico, silábico e alfabético). Pois embora eu vivenciasse isso, não sabia do que se tratava e que cada método tem sua especificidade.

Com essa professora vivenciei, compreendi e aprendi na prática, muita coisa dentro e fora da Faculdade, como por exemplo, em uma visita à Casa de Formação de Professores, da rede municipal de Belém. Nessa visita eu aprendi como montar um

espaço de leitura, bem como sobre a educadora Magda Soares e seus escritos sobre alfabetização. Assim como, por meio de uma visita à Estação das Docas do Pará, assisti a uma palestra ministrada pela professora Esther Grossi, aprendi sobre os prazeres da aprendizagem. Já em sala de aula no IEMCI, me marcou bastante uma atividade sobre a construção de um glossário com o nome das crianças, além dos estudos sobre os teóricos Vygotsky, Paulo Freire e Bakhtin apresentados por ela.

Da mesma maneira, no decorrer do curso, em um eixo temático que trata das relações entre Ciência, Sociedade e Cidadania me deparei com uma professora, acompanhada de mestrandas, que faziam pesquisas sobre nossa aprendizagem, mas também colaboravam com o ensino no eixo temático, orientando e sanando eventuais dúvidas da turma.

Nesse sentido, elas apresentaram e nos fizeram trabalhar diversos temas, tais como: consumo, gestão e incineração de resíduos sólido, meio ambiente, coleta seletiva e cooperativa de catadores de lixo. Este eixo foi muito importante para mim, compreendi que é necessário que haja políticas públicas voltadas para essa questão e mais compromissos por parte dos empresários que cuidam da gestão relacionada ao meio ambiente. Sem falar da consciência e sensibilidade da sociedade para a questão do consumo desenfreado e produção de resíduos sólidos provenientes disso, que afetam gravemente o ambiente em que vivemos.

A criação das cidades e a crescente ampliação das áreas urbanas têm contribuído para o crescimento de impactos ambientais negativos. Os costumes e hábitos no uso da água e a produção de resíduos pelo exacerbado consumo de bens materiais são responsáveis por parte das alterações e impactos ambientais. (MUCELIN; BELLINI, 2008, p.111-112).

No eixo de Educação matemática, a Aritmética e Álgebra, foi para mim um ensino muito complexo, como complexo foi o entendimento da minha aprendizagem, pois embora as atividades propostas fossem diferenciadas e motivadoras, percebi que o meu processo de aprendizagem estava apenas começando. Deparei-me, por exemplo, na desconstrução do algoritmo que havia dois tipos de algoritmos, um aberto e outro fechado, melhor dizendo, em álgebra fazemos as operações com os números inteiros, enquanto que na aritmética os números nas operações são ordenados conforme a posição e lugar de valor (Unidade, dezena e centena).

O DESCONHECIDO: O LÚDICO E SUAS TEORIAS.

Participei por um ano em atividades no Laboratório de Ensino de Atividades Lúdicas – LUDLAB. Muitas leituras e socialização das mesmas, além da construção e apresentações lúdicas em eventos no IEMCI. No I Seminário de Formação Docente: possibilidades de intervenção, promovido por uma professora como culminância do eixo temático de uma turma da licenciatura, o grupo do LUDLAB foi convidado para a apresentação de abertura do evento (Figura 4). Foi planejada uma atividade denominada de "Educação: é a bola da vez", inspirada na copa do mundo de 2014. Para esse evento, entre outras atividades, foi escrita uma poesia com esse tema, que contribuiu para nossa apresentação. A seguir apresento o texto:

Educação é a bola da vez.

Diz seu Bola que sozinho
Não há como jogar
E na falta dele, jogo não há!
Requer além da teoria
A prática do dia a dia
Todos temos que nos articular

Ele diz que ninguém nasce sabendo
E através da busca
Precisamos dia após dia
Este jogo de sonhos continuar.

Que o conhecimento venha
Proporcionar novas
Reflexões e estas
Se adquire no desenrolar
Da partida jogada e após
A aula terminada.

Onde a cada nova jogada praticada
Contribui para o seu Bola
Dar continuidade
E adequação para o seu jogo
Realizar.

Ei! Me chuta!
Não vê que não posso
Iniciar sozinho?
Não tenho braços e nem pernas!

Mas quando estou rolando
No meio de tantas pernas
Me torno o dono do espetáculo!
Me sinto verdadeiramente importante!

Muito diferente de quando estou
Sozinho
Calado e triste
Sem saber aonde ir e o que falar.

Preciso de todos
Se não, jogo não há!
E por conta do jogo
Vamos ter que nos relacionar.

É interação generalizada
Para que a beleza do espetáculo
Possa sempre a cada dia continuar.

Tornando-se o ensino não uma
Imposição
Mas uma troca de conhecimentos
Desse bate rebate
Dessa vontade
De tudo transformar
Através do educar.

Henriques

O autor do texto foi meu ex-marido, que na época ainda vivia comigo e que colaborou produzindo o texto e ainda me ajudando a refletir o tema. Na minha interpretação, a mensagem do texto diz que: sem educação não podemos caminhar, seremos pessoas alienadas e que para a educação acontecer precisa de professores e alunos. Não devemos ver a educação com um sonho e sim como algo que é realizável através de uma articulação e interação de todos que estiverem ligados à educação como um todo em busca de uma aprendizagem que seja satisfatória. Assim, de posse desse conhecimento o educando possa refletir sobre tudo que lhe cerca e se tornar um cidadão consciente que têm direitos deveres a serem cumpridos.

Figura 4: Na apresentação do I Seminário de Formação Docente: possibilidades de intervenção.

Essas possibilidades, no caso do Lúdico, tratavam do uso de brincadeiras para trabalhar em atividades de alfabetização e letramento. Aprendi que lançar mão do Lúdico, não é só coisa de criança, pode ser sim vivenciada por adultos através de poesias e danças no contexto da educação.

Em maio de 2015, fiz inscrição no **Projeto de Formação de Professores: ações para a educação básica em espaços não formais por meio de trilhas ecológicas.** Como exigência o participante precisaria ter disponibilidade e compromisso, além de fazer uma entrevista, que aconteceu no Parque dos Igarapés. Depois do termo de compromisso assinado, iniciou-se o projeto no IEMCI, com estudos de textos sobre Meio Ambiente.

Nesses estudos, aprendi que Meio Ambiente é o conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural que inclui todos os seres vivos. Da mesma forma aprendi que a Natureza, é aquilo que se desenvolve sem a intervenção humana. Assim como Ecologia é a ciência que estuda as relações entre seres vivos e não-vivos.

Nesse sentido, a Educação Ambiental é um processo de educação, responsável por formar indivíduos preocupados com os problemas ambientais e Ambientalismo é um movimento criado em defesa da preservação do meio ambiente, assim como Biologia é a ciência que estuda a vida e os seus organismos vivos.

Desta forma, esses conceitos foram trabalhados nos estudos do projeto, com a finalidade de construir um planejamento de aula com encenação. Um recurso utilizado na atividade do planejamento foi o livro “Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica,” que contêm conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade brasileira. A minha equipe falou do açaizeiro (Figura 5).

Figura 5: Os professores coordenadores e os participantes do AMA (Agentes Monitores Ambientais).

Depois participamos de uma aula ao ar livre na Escola Bosque, através do AMA (Agentes Monitores Ambientais) que na oportunidade as crianças tiveram Aula de fotografia e artesanato. Utilizando tudo que a Natureza oferecia sem danificá-la.

TRILHA ECOLOGICA: PARQUE DOS IGARAPÉS

Vivenciamos uma Trilha Ecológica no Parque dos Igarapés. O caminho já havia sido preparado para a aula passeio. Havia pontos estratégicos ao longo do caminho com atividades para os alunos terem contato com a natureza através dos órgãos sentidos, por esta razão foi colocado uma venda na face de cada participante, para o início das atividades, que passo a descrever a seguir.

Em dado momento as crianças se depararam com um monte de garrafas estrategicamente montado em um ponto na trilha, lá estava preso o Curupira (artista), que é o guardião da mata. Ele pediu para as crianças que juntassem e separassem todo o lixo, só assim ele iria se desprender daquela armadilha que o fez ficar preso. E assim foi feito. Depois houve uma aula expositiva e encenada sobre o lixo que passo narrar a seguir.

De repente sai da mata um caçador desesperado contando que a floresta está triste devido terem jogado lixo no caminho e que era hora das crianças ajudá-lo e que depois eles iriam caçar um tesouro. Em determinado momento, foi aquele alvoroço. O Curupira estava preso em uma malha de plástico, ao redor dele um monte de lixo. Ele disse: - Crianças, se vocês tirarem esse lixo do caminho eu sairei dessa prisão. E assim as crianças fizeram sua parte e o Curupira foi aos poucos se soltando da malha. Continuamos a caminhar e em um dado momento sai uma voz do meio da mata que disse:- Bom dia crianças! -Vocês não estão me vendo? (artista). Algumas crianças ficaram assustadas. E as curiosas começaram a cochichar. Quem será que está falando? Outra vez escutam gargalhadas: - É só vocês olharem para cima daquele açaizeiro que vocês vão me ver, estou perdendo a força, pois o homem contaminou o único rio que tinha aqui e se algum de vocês me der água eu vou ficar bem. Uma criança olhou para

cima e viu uma cobra enrolada. A cobra foi confeccionada de garrafas pet. Andamos mais um pouco e avistamos várias vasilhas e em cada uma tinha folhas, pedras, água e uxi (fruta) para que através dos sentidos as crianças pudessem descobrir o que tinha ali dentro. Continuamos a andar na trilha e de longe avistamos uma casa de palha com efeitos especiais de fumaça. Para atravessar para o outro lado, era necessário passar por dentro desta casa. Entrando na casa ouvimos um gemido. E de repente, se escuta um assovio agudo e em seguida uma risada medonha. Levamos um susto e as crianças começaram gritar e saíram se atropelando. Sabe quem era? A Matinta Pereira! Logo em seguida ela saiu da casa e se envolveu no meio das crianças que ficaram um pouco ressabiadas. E depois tudo foi explicado (Figura 6).

Figura 6: Uma aula na trilha do Parque dos Igarapés

Essa atividade foi marcante, eu percebi que é possível uma aula em espaço não formal fazendo uso dos recursos naturais associada à cultura local. Isso torna o aprendizado das crianças muito significativo e prazeroso para elas, embora seja muito trabalhoso. Desta forma, preparamos uma oficina para ser desenvolvida no Município de Curuçá, cujo objetivo era apresentar nosso curso e fazer a formação dos professores da rede municipal em ambientes não formais. Por meio de Trilhas ecológicas lúdicas e Interpretativas. A qual passo a descrever na sequência.

A TRILHA EM CURUÇÁ

O deslocamento para o município de Curuçá foi feito via terrestre por um ônibus coletivo da UFPA. O grupo participante do projeto foram embarcando em diversas paradas indicadas pelos coordenadores, sendo eu a última a subir para o ônibus.

O planejamento da aula de Curuçá teve como título: A viagem de George na Amazônia. O objetivo foi oferecer aos professores da rede municipal de Curuçá, uma oficina de formação com o tema meio ambiente e a ludicidade. A atividade consistiu na preparação de uma encenação, cujos personagens representavam uma história do contexto amazônico em que se trabalhou a preservação do meio ambiente como um todo.

As representações foram as seguintes: um açaizeiro que falava da preservação da árvore do açaí e do aproveitamento do fruto; um uxizeiro que alimentava os animais; a Iara, zelava pela preservação do Rio Amazonas; a cotia que se alimentava das frutas que encontrava no chão; uma vendedora de açaí que falava do manejo da fruta. Um turista que veio visitar sua prima (George); a prima do turista que o levaria para conhecer o Ver-o-Peso; a índia da floresta que cuidava da mesma e expulsava os serralheiros; a vendedora de picolés que mostrava os sabores da Amazônia; a narradora, o tucano que semeava a floresta através das sementes e o serralheiro que derrubava as árvores para vender a madeira e eu era o caçadora que caçava somente para a alimentação da família e juntava algumas frutas para vender. Na minha fala mostrei que podemos usufruir dos recursos naturais da floresta sem destruí-la (Figura 7).

Figura 7: Os personagens - Sara (árvore de açaí); Juliane (árvore de uxi); Ana Paula (cotia); Iana (Yara); Rosângela (caçadora); Valdilene (vendedora de açaí do ver-o peso); Marcela (prima do turista); Renan (turista); Carina (índia); Ivanice (vendedora de picolé do Ver-o-Peso); Érica (narradora); Kelly (tucano) e Elizabeth (serralheiro). (esquerda para a direita).

CONTRATEMPO, MEDO, SUSTO E RISADAS.

Ao chegarmos a cidade, o prefeito da cidade mandou a chave trocada e os professores não conseguiram abrir a casa onde iríamos ficar. Já era noite e meus colegas já estavam com medo, esperamos chegar outra chave e quando tudo se arrumou, saímos para jantar em um restaurante, por conta do prefeito da cidade O local era muito distante de onde estávamos e não tinha ônibus para nos levar. O cansaço já era visível junto com a fome. Após o jantar rumamos para o local onde iríamos passar a noite. Estávamos armando nossas redes quando escutamos um tiro na mata ao lado casa. O vigia que sem querer deixou a espingarda cair e gritou da beira da mata que era ele. Ele se apresentou e disse que era o responsável pela vigilância da casa, era ordem do prefeito por ser um lugar longe da cidade e era muito perigoso. (os professores já estavam sabendo da presença do vigia).

No dia seguinte acordamos às cinco horas da manhã, pois tínhamos que arrumar tudo para seguirmos para a escola municipal. A condução chegou às sete horas em ponto. Todos ao trabalho! Arrumamos nossos adereços e fomos felizes para mais uma aventura.

Na escola fomos acolhidos pelo prefeito, a diretora e os professores. As dinâmicas começaram, todos muitos animados participavam, começamos os ensaios para nossa apresentação e após o almoço organizamos os espaços, nos preparamos cada um com sua caracterização, então começou a performance. Esta atividade foi riquíssima, o resultado foi marcante para os professores participantes e para mim compreendi que o planejamento e a execução de qualquer atividade para ser bem-sucedida precisa da colaboração participativa de todos os envolvidos.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA A LENDA DO BOTO: SEMANA DO CALOURO 2016.

Vivências do EncantArtes que foi um estimulo para que eu mostrasse meus talentos que viviam a espera de uma oportunidade. Vejo que um professor deve ser completo naquilo que se propõe, pois carrega consigo vivências prazerosas para trazer a sala de aula, isso potencializa a sua capacidade de saber qual é a dificuldade da criança, assim como ser capaz de ver no aluno o que tem de valoroso. Temos algo dentro de nós

que é maior que a realidade da Educação que está sendo mostrada em nosso país, ou seja, dedicação e ousadia.

A Contação de história está voltada para despertar o imaginário da criança, onde cada uma vive aquele personagem principalmente em se tratando de histórias de contos de fada. Contei a história da lenda do Boto, depois fiz encenação e vários colegas que me acompanharam fazendo parte da história. Diz à lenda que estava acontecendo uma festa no interior. Havia moças e rapazes, mas chegou neste lugar um jovem muito bonito, elegante com um chapéu branco e a roupa toda branca e as moças ficaram alvoraçadas quando o viram. E de repente uma delas sumiu.

Um dia apareceu grávida e disse que era do rapaz que conheceu na festa. Seus pais inconformados começaram a procurar o rapaz e não o acharam. E quando houve novamente a festa o rapaz todo de branco apareceu e logo sumiu, a moça foi atrás dele e ele já era outra pessoa, pois o rapaz era encantado. E saia das águas para atrair as moças (Figura 8).

Figura 8: Apresentação da Lenda “O Boto”

UM PERÍODO CRÍTICO EM MINHA VIDA

Em março de 2016, me afastei da faculdade, pois não sabia o que estava acontecendo comigo. Eu chorava muito e estava me sentindo diferente do meu cotidiano

e não dava mais conta das atividades que eram pedidas pelos professores. Diante desta situação, busquei ajuda na universidade, fui atendida e encaminhada para atendimento profissional. Recebi cuidados domiciliar de assistentes sociais e psicólogos além de tratamento médico especializado. Isso fez com que me fortalecesse e superasse tal situação com apoio de meus professores e vice-diretor. Depois de um tempo, dei continuidade aos estudos. Aprendi a me conhecer e organizar os estudos e a vida pessoal.

OS ESTÁGIOS EM DOCÊNCIA

Figura 9: A Confraternização do Natal da Escola Santo Agostinho e o encerramento do estágio da Escola Ernestina Rodrigues.

O primeiro estágio foi numa escola municipal, que havia sido anteriormente uma transitória, sua estrutura era antiga com corredores enormes, todo gradeado e contam-se muitas histórias daquele lugar, que até mesmo nós estagiárias, por vezes sentíamos medo de andar pelos corredores. Na festa do Natal, cada turma tinha uma tarefa para apresentar.

A turma do primeiro ano do fundamental I, onde fui lotada para o estágio, apresentou uma canção de natal para homenagear os pais. Nesse estágio, acompanhei o

desenvolvimento de uma aluna que não fazia as tarefas em casa, era criada com a avó e o pai e apresentava dificuldade de aprendizagem, a mesma não apresentou rendimento satisfatório, mesmo com minha ajuda, por ser uma criança sofrida e sem ânimo. Percebi que esse episódio me trouxe reflexões a respeito de que nem sempre conseguimos alcançar os objetivos escolares e que isso muitas vezes não depende de nós, mas de todo um sistema no qual estamos inseridos.

Outra experiência de estágio com alunos do quinto ano do ensino fundamental I, numa escola municipal foi muito interessante. Foi desenvolvida uma aula passeio em torno da escola com o supervisor do estágio para saber as condições do espaço e buscar subsídios para um possível planejamento de aula. Nessa escola a professora regente, foi muito acolhedora e me ajudou durante todo o período de estada lá. Para mim foi muito proveitoso e aprendi muito com ela.

No decorrer do estágio, preparamos uma aula para ministrarmos às crianças da sala onde estava lotada com outras colegas. Foi feito um planejamento, com orientação da professora do estágio. A aula consistiu na apresentação de um vídeo com trava – línguas (compare, complete e comprove) voltadas para o gênero propaganda. O nesses estágios foi que o gênero propaganda leva as crianças a organizarem o pensamento, por meio da leitura.

O RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DA EJA

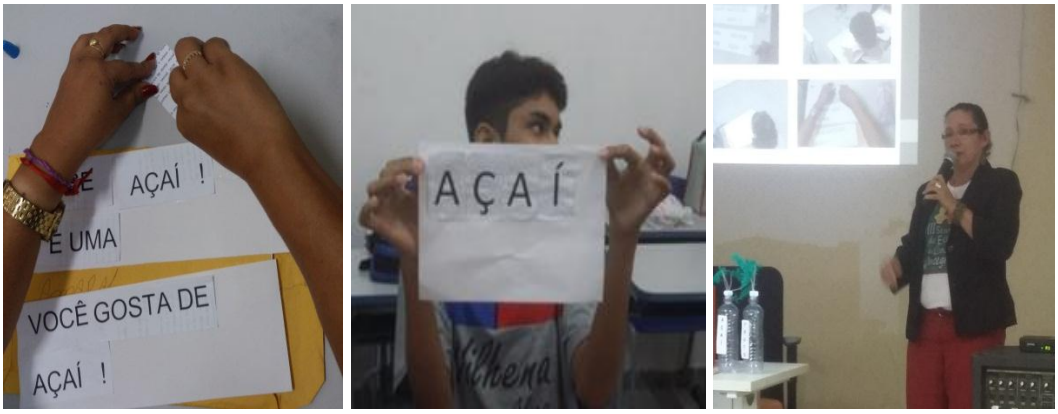

Figura 10: Atividades na EJA e Apresentação dos resultados no seminário de culminância do estágio

O estágio em Docência na EJA com ANEE, no primeiro momento foi impactante, pois confesso que fiquei apreensiva por não saber lidar com esse tipo de

público. Essa foi uma das etapas mais marcante no meu curso, pois a partir do momento que se adentra em uma sala de aula com ANEE, é preciso ter coragem e muito amor envolvido. A nossa aula foi planejada com auxílio da nossa coordenadora, da professora do estágio e da professora regente da turma. Essa intervenção foi atrelada ao Eixo de outro professor que falava de alimentação. E com isso buscamos a Contação de história que envolvia a Lenda do açaí. A partir daí partimos para as atividades da EJA para ANEE. Havia muitas atividades para EJA, mas tivemos que fazer a devida adaptação para esses alunos. Através da garrafa pet foi construído um jogo de boliche com palavras grudadas nas garrafas, que acompanhava uma caixa com as mesmas palavras só que recortadas com as letras embaralhadas, para o desenvolvimento de uma atividade de alfabetização. Esse contexto, foi muito marcante para mim, pude ampliar minha visão sobre a escola pública, pois eu só tive experiência com alunos da rede privada.

MINHAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que a vida é trem bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir
Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
Ana Vilela

O desenvolvimento pessoal e profissional do professor consiste na busca constante de aprimoramento das práticas escolares a partir do olhar reflexivo sobre as realidades e o mundo no qual está inserido. Isso inclui o aprofundamento dos seus estudos e uma abertura para o novo.

Nesse sentido, na minha passagem pela Universidade, tive oportunidade de olhar a minha vida e a minha prática e repensá-las de maneira mais crítica, o que me levou a conhecer mais, a mim mesma e definir com clareza a minha profissão. Sou professora. Isso quer dizer que estou em constante aprendizado e aberta a transformação para contribuir com a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, participativa e cidadã.

Eu acredito que a educação é a via da evolução humana, mas tenho consciência que o professor sozinho não dá conta de tanta responsabilidade, que muitas vezes lhe é imposta. Porém se todos: a família, o governo, a escola e os alunos assumirem seus postos, poderemos chegar num nível de evolução onde não se precise mais, por

exemplo, de programas de alfabetização na idade certa, ou de aceleração da aprendizagem e tantos outros programas dessa natureza. Onde o professor é respeitado como um profissional de grande valor, isso traduzido plano de carreira e salários compatíveis,

Como disse anteriormente, entrar na universidade foi uma conquista e sair dela agora é uma vitória com sabor de mel, de esperança em um futuro melhor para mim e para todos os alunos que me aguardam nas escolas desse nosso país.

Com o apoio de meus melhores amigos Jesus e Maria, minha família, com a torcida de meus amigos, da minha comunidade S. Judas Tadeu, passo agora a trilhar uma nova jornada na estrada da minha vida, antes piçarra agora pavimentada.

REFERÊNCIAS

BURAK, D. **Modelagem Matemática: ações e intervenções no processo de ensino-aprendizagem.** Campinas: Tese, Doutorado, UNICAMP-FE, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____, Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

BRAUTIGAM, L.L. V. **Modelagem Matemática: construindo a interdisciplinaridade**, 2001. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO, Guarapuava, PR.

GONÇALVES, T.V.O. A Pesquisa Narrativa e a Formação de Professores: reflexões sobre uma prática formadora. In.: Formação em Docência: perspectiva da pesquisa narrativa e autobiográfica/ CHAVES e BRITO (Org.). Belém: CEJUP, 2011.

GOLDBERG. K. **Autismo: uma perspectiva histórico – evolutiva**. Revista de Ciências Humanas (ISSN 1981-9250)//v.18, N° 31, 2017. Disponível em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/263/482 >Acesso em 04 Jan 2018.

MEDEIROS. E. A.de **Histórias de vida e formação: trajetórias, experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer**. IV Fórum Internacional de Pedagogia. – IV FIPED. Campina Grande. REALIZE Editora, 2012.

MUCELIN, C.A.; BELLINI, M. **lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano**. Sociedade & Natureza, v. 20, n. 1,p. 111-124, 2008.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora Ltda, 1995.

SARTORI A. T. - **Estilo em memoriais de formação**. Revista da ABRALIN, v. 7, n. 2, p. 273-298, jul./dez. 2008.

SILVA, N. N. da Juventude Negra na EJA: o direito à diferença/ SILVA, N. N. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

UFPA/IEMCI - **Relatório Geral de 2014.** In. (Microsoft Word - Relat\363rio de Gest\343o 2015 – IEMCI). Disponível em: <http://www.iemci.ufpa.br/images/iemci/downloads/permanentes/relatorio_2014.pdf.> Aceso em 02 02/2018.